

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Christian Zacharias direção musical

Aldo Salvetti oboé

Luís Silva clarinete

Nuno Vaz trompa

Gavin Hill fagote

27 out 2023 · 21:00 Sala Suggia

ANO ALEMANHA



casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Robert Schumann

Abertura *Genoveva*, op. 81 (1847; c.10min)

Wolfgang Amadeus Mozart

Sinfonia concertante, K. 297b (1778; c.30min)

1. Allegro
2. Adagio
3. Andantino con variazioni

2ª PARTE

Robert Schumann

Sinfonia n.º 2 em Dó maior, op. 61 (1845-46; c.40min)

1. Sostenuto assai — Allegro ma non troppo
2. Scherzo: Allegro vivace
3. Adagio espressivo
4. Allegro molto vivace

Robert Schumann

ZWICKAU, 1810 - ENDENICH, 1856

Abertura *Genoveva*, op. 81

Robert Schumann foi um dos principais expoentes do Romantismo musical, tendo-se destacado sobretudo pelo contributo que deu à música para piano e ao *Lied* germânico. Cedo revelou o seu interesse pela música e pela literatura, o que o levaria a desenvolver um estilo composicional profundamente marcado por modelos literários, cujas implicações se observam não só na sua produção *liederística*, mas também na própria música instrumental. Foi após o período depressivo que atravessou no início da década de 1840 que Schumann decidiu avançar para a composição de uma ópera, com a qual, além de conciliar os seus interesses literários e musicais, visava envolver-se no desenvolvimento de uma abordagem alemã ao género, distinta das tradições italiana e francesa, como no seu tempo vinham propondo Marschner e Wagner. Dos seus apontamentos de 1842 constam referências às histórias dos Nibelungos, de Lohengrin e de Till Eulenspiegel, mas a opção viria a recair sobre a lenda medieval de Genoveva de Brabant, ambientada no século VIII: o conde palatino Siegfried parte numa cruzada, entregando a sua jovem esposa Genoveva aos cuidados de Golo, seu cavaleiro de confiança; durante a ausência do conde, Genoveva tem de repelir as investidas obsessivas de Golo, que se vingará, com o auxílio da feiticeira Margaretha, convencendo Siegfried a condená-la à morte por infidelidade; até que, no último momento, a conspiração de Golo é revelada e o casal reconcilia-se.

A história tinha adquirido uma popularidade significativa nas primeiras décadas do século XIX, por meio de diversas adaptações para o

teatro, e foi já em 1847 que Schumann tomou contacto com a tragédia sentimental em cinco actos de Friedrich Hebbel, sobre esse tema, inspirando-se também no poema dramático *Leben und Tod der heiligen Genoveva* [*Vida e morte de Santa Genoveva*], escrito anteriormente por Ludwig Tieck (figura de referência do primeiro Romantismo germânico). Se a obra de Tieck estava mais focada na personagem lendária de Genoveva, a peça de Hebbel concentrava-se antes na psicologia impiedosa do conspirador, e o compositor terá ficado fascinado com o poderoso realismo psicológico em que o dramaturgo envolvia as suas personagens. Nesse sentido, contactou o poeta Robert Reinick para conceber um libreto de ópera combinando as duas fontes mas, insatisfeito com o rumo seguido, acabaria por ser ele próprio a completar a tarefa. A sua ópera *Genoveva*, op. 81, em quatro actos, seria então composta em pouco mais de um ano, tendo sido terminada em Agosto de 1848. A estreia teria lugar já em Junho de 1850, no Stadttheater de Leipzig, sob a direcção do autor, mas as críticas negativas que circularam na imprensa foram determinantes para a sua decisão de não regressar ao campo da ópera.

Apesar de a obra nunca ter conquistado um lugar no repertório, a sua abertura foi aclamada desde muito cedo, estabelecendo-se autonomamente nos programas de concerto. Composta ainda antes de Schumann concluir a concepção do libreto, não consiste, por isso, numa síntese dos momentos principais dos quatro actos, sendo antes uma espécie de evocação da atmosfera trágica do drama que se lhe seguiria, uma viagem pelas emoções que perpassam a lenda de Genoveva, as quais ao longo da ópera são exploradas numa teia surpreendentemente complexa de símbolos musicais, influenciada pela abordagem wagneriana.

Nessa antecipação do percurso da história, a peça inicia-se na tonalidade de Dó menor, com toda a sua intensidade dramática e sombria. A música progride por meio de amplas melodias enunciadas entre cordas e sopros, culminando numa majestosa intervenção dos metais, que introduzem a tonalidade de Dó maior e a atmosfera grandiosa assumida agora pelo *tutti* orquestral — uma transição da escuridão para a luz em que, no essencial, Schumann replica a progressão que ocorre no final da icónica Quinta Sinfonia do seu ídolo Beethoven.

Sinfonia n.º 2, em Dó maior, op. 61

Schumann interessava-se também pela música sinfónica, mas só a partir de 1839 começou a dedicar-se mais seriamente a este género. Uma vez ultrapassado o período depressivo que viveu no início da década de 1840, a mudança para Dresden, em 1845, visava abrandar o ritmo de vida e melhorar o seu estado de saúde. Foi então que começou a trabalhar na sua terceira sinfonia (a segunda na ordem de publicação), iniciativa que terá sido estimulada por uma apresentação, nessa cidade, a 9 de Dezembro de 1845, da Sinfonia n.º 9 em Dó maior (D. 944) de Schubert — obra que o próprio Schumann havia recenseado de forma laudatória poucos anos antes, em 1839, quando conheceu a partitura inédita e promoveu a sua estreia por Mendelssohn. Além do mais, todo o seu estilo composicional colhia benefícios da aturada revisão, que à época realizava, dos seus estudos de contraponto e da arte de J. S. Bach.

A nova sinfonia foi esboçada rapidamente entre 12 e 18 de Dezembro de 1845, mas o trabalho prolongar-se-ia por praticamente um ano, condicionado por surtos do seu problema de saúde; só seria dado como terminado em Outubro de 1846. A estreia teve lugar a 5 de

Novembro, na Gewandhaus de Leipzig, sob a direcção de Mendelssohn, que numa fase difícil tinha incentivado Schumann a levar a tarefa a bom porto e agora, ao concordar com uma reposição da sinfonia duas semanas depois, lhe concedia a oportunidade de operar mudanças substanciais na orquestração (que passava a incluir trombones).

O primeiro andamento, “Sostenuto assai — Allegro, ma non troppo”, abre com uma introdução lenta, cabendo aos trompetes enunciar, sobre o acompanhamento ondulante proporcionado pelas cordas, um motivo semelhante ao da Sinfonia n.º 104 de Haydn — que introduz desde logo uma atmosfera de uma certa inquietação e que surgirá recorrentemente, sob várias feições, ao longo da obra. Quando se inicia a exposição do “Allegro”, relativamente curta, os violinos apresentam um primeiro tema nobre, marcado por obsessivos ritmos pontuados e diálogos entre cordas e sopros, com o qual contrasta um segundo tema, em Sol maior, algo mais tranquilo. A tempestade emocional prossegue durante o desenvolvimento, em que ocorrem surpreendentes mudanças harmónicas. Após a reexposição, na coda, é novamente ouvido o lema enunciado pelos trompetes.

Segue-se um “Scherzo: Allegro vivace”, também em Dó maior, com o seu carácter ágil e enérgico produzido pelas passagens velozes e brilhantes, de uma ligeireza mendelssohniana, em que se sucedem rapidamente melodias vivazes. As duas secções de Trio abrandam temporariamente a acção, introduzindo um contraste significativo, sendo a segunda permeada por sugestões do motivo B-A-C-H². Mas a actividade continua a prevalecer, com uma

² [N. E.] Motivo melódico formado pelas notas correspondentes às letras do nome de Bach, no léxico musical alemão: si bemol, lá, dó, si.

espiritiosa interação entre cordas e sopros que ecoa a Sinfonia n.º 9 de Schubert e termina com nova evocação do lema dos trompetes.

Por sua vez, o terceiro andamento, “Adagio espressivo”, que parte de Dó menor, é um exuberante momento elegíaco que expressa o anseio visto por muitos como a quintessência do Romantismo. Pleno de frases sensuais e harmonias enigmáticas, inicia-se com a expressiva melodia apresentada pelos violinos, que depois é tomada também pelo oboé na construção de um ardoroso ponto culminante, intensificado pelos poéticos trilos das cordas. Na secção central contrastante, marcada por uma textura fortemente contrapontística, um breve episódio para trompa, trompete e cordas introduz uma atmosfera reflexiva que conduz ao regresso da melodia inicial.

Por fim, o quarto andamento, “Allegro molto vivace”, de novo em Dó maior, concebido numa forma sonata livre, irrompe com uma veloz passagem de escalas que conduz ao vigoroso tema principal. O segundo tema, mais expressivo, em Sol menor, está relacionado com a ideia principal do “Adagio”, sendo elaborado por violas, violoncelos, clarinetes e fagotes. Perto do final, a recordação do lema de abertura assinala a expansão do sereno e triunfante hino que coroa este *finale*.

Wolfgang Amadeus Mozart

SALZBURGO, 1756 – VIENA, 1791

Sinfonia concertante em Mi bemol maior, K. 297b

W. A. Mozart é considerado um dos representantes máximos do chamado Classicismo Vienense, tendo desenvolvido um estilo bastante pessoal, produto da confluência entre o lirismo da ópera italiana e a tradição instrumental germânica. Neste estilo sobressai naturalmente a beleza melódica, a elegância formal, bem como a riqueza ao nível harmónico e textural. Autor de uma obra vasta e variada, é possível constatar que dominou todos os géneros sobre os quais se debruçou.

A insatisfação relativamente às limitadas oportunidades que a corte do arcebispo Colloredo lhe oferecia em Salzburgo levou a que o compositor embarcasse, no Outono de 1777, num périplo pela Europa, na companhia da sua mãe, em busca de outras oportunidades profissionais. Depois de passagens por várias cidades germânicas, incluindo Mannheim, em Abril de 1778 estabelecia-se durante seis meses em Paris, procurando causar boa impressão num local em que já se tinha apresentado, anos antes, enquanto criança prodígio. Entre as várias peças então compostas, contava-se uma sinfonia concertante para flauta, oboé, fagote e trompa, género que consistia num híbrido entre a sinfonia e o concerto com solista e que era particularmente apreciado pelo meio musical de Paris e de Mannheim. A nova produção de Mozart surgia, com efeito, em resposta a uma encomenda do director do Concert Spirituel, Joseph Legros, sendo destinada a um conjunto de instrumentistas da orquestra de Mannheim — a mais célebre do seu tempo — que com ele se deslocavam para a capital

francesa. De acordo com a correspondência do compositor, a obra terá sido terminada em Maio de 1778, mas movimentações de bastidores terão inviabilizado a estreia prometida (tendo o manuscrito autógrafa permanecido em Paris, adquirido por Legros).

Na actualidade, esta Sinfonia concertante em Mi bemol maior, K. 297b, continua a gerar controvérsias em torno da sua autenticidade. A (suposta) cópia manuscrita encontrada em Berlim em 1870, por outra mão que não a do compositor, não continha as mesmas partes solistas (era para oboé, clarinete, fagote e trompa). Surgiram várias teorias no sentido de justificar a alteração na instrumentação, e os diversos estudos desenvolvidos sobre os seus méritos e os seus aspectos estilísticos não conseguiram chegar a uma perspectiva conclusiva — tanto que a mais recente edição do catálogo de Köchel retirou a obra da lista de obras autênticas. De qualquer modo, independentemente da autoria, trata-se de uma peça notável pelo modo como a escrita das partes solísticas revela entendimento das suas possibilidades idiomáticas, sem deixar de as conjugar de forma coesa em passagens concertantes — tal como sucede, aliás, com a Sinfonia concertante para violino e viola, K. 364, sobre cuja autenticidade não restam dúvidas.

O primeiro andamento, “Allegro”, está concebido numa estrutura que funde a forma sonata com a antiga forma *ritornelo*, como é expectável na música concertística deste período. A exposição orquestral é seguida de uma nova exposição que junta solistas e orquestra, passando por um segundo tema em Si bemol maior. Após o desenvolvimento e a reexposição, há uma cadência escrita para os quatro solistas, antes do encerramento com uma breve coda. Segue-se um “Adagio”, na mesma tonalidade de Mi bemol maior. Estruturalmente muito simples,

decorre sempre numa atmosfera ricamente lírica e expressiva, incluindo ainda uma curta passagem contrastante no modo menor. Por fim, o terceiro andamento, de novo em Mi bemol maior, é um imaginativo “Andantino con variazioni”. O tema simples e breve, em 2/4, que deve algo ao segundo tema do andamento inicial, é elaborado em dez variações progressivamente mais decoradas pelos solistas, sendo estas demarcadas por *ritornelli* orquestrais. A última variação desemboca num brevíssimo “Adagio”, em 4/4, que por sua vez conduz a uma alegre coda que concilia elementos característicos da giga e do estilo de caça.

LUÍS M. SANTOS, 2023*

*O autor não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

Christian Zacharias direção musical

Christian Zacharias é um narrador entre os maestros e pianistas da sua geração. Em cada uma das suas interpretações elaboradas e claramente articuladas, mostra-se interessado no que está para lá das notas musicais. Com uma combinação única de integridade e singularidade, expressividade linguística brilhante, conhecimento musical profundo e instinto artístico firme, conjugada com um grande carisma artístico, impôs-se não só como um pianista e maestro de renome internacional, mas também como pensador musical. A sua carreira é marcada por inúmeros concertos aclamados com as principais orquestras e maestros, bem como vários prémios e gravações.

Desde 2021/22, é maestro convidado principal da Orquestra Ciudad de Granada, função que desempenhou também na Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. É maestro associado da Orchestre National d'Auvergne Rhône-Alpes. Em 2020, foi nomeado maestro honorário da Filarmónica George Enescu de Bucareste. Dedicar-se particularmente aos repertórios clássico e romântico, em concertos com a Orquestra Sinfónica de Gotemburgo, a Orchestra della Svizzera Italiana, a Orquestra Nacional de Toulouse, a Opern- and Museums-orchester de Frankfurt, a Filarmónica de Monte Carlo e a Orquestra de Câmara de São Paulo. É ainda convidado da Sinfónica de Boston, da Orquestra da Konzerthaus de Berlim, da Sinfónica de Bamberg, da Filarmónica de Estrasburgo e da Orquestra Nacional de Lyon.

Recitais de piano, que ocasionalmente fazem parte da sua preenchida agenda, levaram Christian Zacharias a percorrer a Europa, incluindo cidades como Paris, Londres, Madrid e Essen, bem como os festivais Schubertiade e Piano aux Jacobins em Toulouse. Apresenta

ainda palestras ao piano dedicadas a Schubert ou a Haydn.

Desenvolve um interesse especial pela ópera, tendo dirigido produções de *La Clemenza di Tito*, *As Bodas de Fígaro* (Mozart) e *La Belle Hélène* (Offenbach). Dirigiu *As Alegres Comadres de Windsor* de Otto Nicolai na Ópera Real da Valónia, em Liège, uma produção que conquistou o Prémio da Europa Francófona 2014, atribuído pela Associação Profissional de Críticos de Teatro, Música e Dança de Paris.

Desde 1990, tem aparecido em vários filmes: *Domenico Scarlatti à Seville*, *Robert Schumann — der Dichter spricht* (INA, Paris), *Zwischen Bühne und Künstlerzimmer* (WDR-Arte) e *De B comme Beethoven à Z comme Zacharias* (RTS, Suíça). Gravou a integral dos concertos para piano de Beethoven (SSR-Arte).

Entre os muitos prémios que tem conquistado destaca-se o Midem Classical Award 2007 para Artista do Ano. O Governo francês atribuiu-lhe o título de *Officier dans l'Ordre des Arts et des Lettres*, e o seu contributo para a cultura na Roménia foi também premiado, em 2009. Em 2016, foi nomeado membro da Real Academia Sueca de Música. É doutorado honorário da Universidade de Gotemburgo desde 2017.

Como maestro titular da Orquestra de Câmara de Lausanne, fez gravações que conquistaram a crítica internacional. A integral dos concertos para piano de Mozart deu-lhe o Diapason d'Or, o Choc du Monde de la Musique e o ECHO Klassik Award. Destaca-se ainda a gravação da integral das sinfonias de Schumann. Depois de quase 20 anos, são lançadas pela MDG dois álbuns com partitas e suites de Bach, e sonatas de Haydn.

Entre 2015 e 2021, Christian Zacharias foi presidente do júri do Prémio Clara Haskil e, em 2018, desempenhou o mesmo cargo no Prémio Geza Anda, tendo dirigido o concerto final.

Aldo Salvetti oboé

Aldo Salvetti vive no Porto desde 1996, data de início das suas funções de solista de oboé na orquestra desta cidade. É professor de oboé na Escola Profissional de Música de Espinho e na Universidade do Minho. Na sua cidade natal de Veneza, começou aos 20 anos o estudo profissional do oboé, sob o impulso de Giorgio Trentin, antigo solista da Orquestra do Teatro La Fenice. Continuou-o em Milão com Giacomo Calderoni, solista de corne inglês no Teatro alla Scala e professor no Conservatório Giuseppe Verdi, tendo obtido o diploma final com alta classificação. Aperfeiçoou-se em Basileia e em Zurique com os solistas internacionais Emmanuel Abbhuel e Thomas Indermuehle, e obteve em 1989 o Diploma de Concertista do Conservatório de Schaffhausen.

A sua carreira profissional começou em Roma, na temporada de 1987 da Orquestra Nacional da Academia de Santa Cecília, onde tocou sob a batuta de maestros como Leonard Bernstein, Carlo Maria Giulini, Giuseppe Sinopoli, Gunther Herbig e George Pretre, entre outros. Em seguida desenvolveu colaborações estáveis como primeiro oboé na Sinfónica de Zurique, na Sinfónica Siciliana e na Vogtland Philharmonie. Interpretou os principais concertos para oboé e orquestra. Em Portugal, continuou a desenvolver uma intensa atividade em música de câmara, além de colaborar com agrupamentos de música contemporânea como a Orquestra Utopica e o Remix Ensemble.

Luís Silva clarinete

Natural de Tomar, Luís Silva estudou no Conservatório de Lisboa com Marcos Romão e António Saiote. Foi o primeiro clarinetista português a obter o grau de bacharel em clarinete, na Escola Superior de Música de Lisboa. Em 2006, concluiu o doutoramento na Universidade de Sheffield, em Inglaterra.

Na sua atividade de clarinetista, integrou a Orquestra Portuguesa da Juventude como solista e foi selecionado para a Orchestre Mondiale des Jeunesses Musicales. Foi primeiro clarinete na Orchestre des Jeunes de la Méditerranée, onde tocou sob a direção de Michel Tabachnik e Arturo Tamayo, em países como França, Itália, Jugoslávia, Grécia e Turquia.

Ganhou o 1.º prémio no Concurso da Juventude Musical Portuguesa (na classe superior de clarinete e na classe de música de câmara) e no I Concurso de Clarinete de Setúbal.

Colaborou com a Orquestra Sinfónica do Teatro Nacional de S. Carlos e foi solista nas orquestras Nova Filarmonia Portuguesa, Régie Sinfonia, Orquestra Clássica do Porto, Orquestra Clássica da Madeira e Sinfónica do Porto Casa da Música, com as quais se apresentou a solo e em formações de música de câmara.

Foi fundador do Ensemble Português de Clarinetes e membro dos Solistas do Porto. Foi professor nos Conservatórios Regionais de Música de Coimbra, Figueira da Foz, Castelo Branco, Évora e Viseu, na Escola Profissional de Música ARTAVE, na Escola Profissional de Música do Porto, na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto e no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro. Atualmente é chefe de naipe na Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

Nuno Vaz trompa

Nuno Vaz foi solista A da Orquestra Metropolitana de Lisboa entre 2008 e 2016. Além de ser chefe de naipe de trompa da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e membro do Remix Ensemble, mantém uma grande atividade com o Art’Ventus Quintet — quinteto este que acabou de lançar um novo disco, intitulado *Swiss Treasures*.

Como artista convidado, tem tocado com várias orquestras nacionais e internacionais. Gravou para a RTP, a RDP, a RV e a Antena 3, com a Metropolitana de Lisboa, a Sinfónica do Porto Casa da Música e a Sinfonietta de Lisboa, e também com Da Weasel, Rui Veloso, Tito Paris, Kátia Guerreiro, Ala dos Namorados, The Gift e Let the Jamroll, entre outros. Tem orientado diversos cursos de aperfeiçoamento pelo país. É membro fundador do quarteto de trompas ART4ORN, do quinteto de sopros Espelho Musical, do quinteto de sopros 1/4 de Tom e do Ensemble Português de Trompas.

Laureado do Prémio Jovens Músicos (2007), Nuno Vaz é professor na Escola Superior de Música e Artes e Espetáculo e na Escola Profissional de Música de Espinho. É doutorando em Educação Artística pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Gavin Hill fagote

Gavin Hill nasceu em 1965, numa família de músicos profissionais de Macclesfield. Começou a estudar fagote após encontrar um guardado num armário, quando tinha 11 anos. Aperfeiçoou os estudos na Royal Scottish Academy of Music and Drama com Edgar Williams, particularmente com Charles Cracknell, e finalmente com Claus Boden na Staatliche Hochschule für Musik de Colónia. Teve o seu primeiro emprego na Orchestre Symphonique d’Europe em Paris, apresentando-se em concertos, óperas, ballets, filmes, televisão e gravações. Após a inevitável falência económica desta orquestra, foi *freelancer* um pouco por toda a Europa. Em 1994 estabeleceu-se no Porto, ocupando o lugar de fagotista principal na Orquestra Clássica do Porto, hoje a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

Gavin Hill tem-se apresentado regularmente ao público português integrado em projetos de música de câmara, interpretando vários compositores menos valorizados. Tem como grandes paixões a sua coleção de discos de vinil — com foco no jazz — e a literatura. O seu primeiro romance *Quentin Goddard — A Faust Symphony* estará brevemente disponível na Amazon. É coapresentador do podcast *Gas Giants*, que analisa diferentes artefactos culturais e está disponível em plataformas como Substack, Spotify, Applepodcasts, Pocketcasts, etc. Toca num fagote Heckel (n.º 10189).

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury e Rebecca Saunders, a que se junta em 2023 o compositor e maestro Enno Poppe.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2023, interpreta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Heiner Goebbels, Pedro Amaral, José Maria Sanchez-Verdú, Klaus Ospald e João Caldas. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação da ópera *Elektra*

de Richard Strauss, da cantata *Carmina Burana* de Carl Orff e de várias obras em estreia nacional — entre as quais *A House of Call. My Imaginary Notebook* de Heiner Goebbels, *Requiem* de Hans Werner Henze, o Concerto para piano e orquestra de Ferruccio Busoni e *Stele* de György Kurtág.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adotar a atual designação em 2010.

Orquestra Sinfónica

Violino I

Evgeny Makhtin
Álvaro Pereira
Radu Ungureanu
José Despujols
Alan Guimarães
Vadim Feldblioum
Roumiana Badeva
Andras Burai
Evandra Gonçalves
Ianina Khmelik
Vladimir Grinman
Mariana Cabral*

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Karolina Andrzejczak
José Paulo Jesus
Catarina Martins
Pedro Rocha
Nikola Vasiljev
Paul Almond
Pedro Carvalho*
Ana Luísa Carvalho*

Viola

Mateusz Stasto
Anna Gonera
Emília Alves
Luís Norberto Silva
Biliana Chamlieva
Helena Leão*
Teresa Fleming*
Carlos Monteiro*

Violoncelo

Feodor Kolpachnikov
João Cunha
Michal Kiska
Hrant Yerosyan
Bruno Cardoso
Beatriz Figueiredo*

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Nadia Choi
Tiago Pinto Ribeiro
Slawomir Marzec

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer

Oboé

Tamás Bartók
Telma Mota*

Clarinete

Carlos Alves
Gergely Suto

Fagote

David Harrison*
Cândida Nunes

Trompa

José Bernardo Silva
Eddy Tauber
Hugo Carneiro
Hugo Sousa*

Trompete

Sérgio Pacheco
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Diogo Taveira Silva*

Tímpanos

Bruno Costa

*instrumentistas convidados

Operação Técnica

Iluminação

Rui Pinto Leite

Palco

Alfredo Braga
José Vilela

Próximos concertos

29 DOMINGO 12:00 SALA SUGGIA

Banda Sinfónica Portuguesa

José Rafael Pascual Vilaplana direção musical

Pacho Flores trompete

Obras de **Eric Whitacre**, **Arturo Márquez** e **David Maslanka**

29 DOMINGO 21:00 SALA SUGGIA

The Cinematic Orchestra

promotor: Lemon Iberia

30 SEGUNDA 21:00 SALA SUGGIA

Orquestra da Costa Atlântica

Luís Miguel Clemente direção musical

Vasco Dantas Rocha piano

obras de **Ludwig van Beethoven**, **António Fragoso**,

João Domingos Bomtempo e **Felix Mendelssohn**

31 TERÇA 19:30 SALA 2

Sara Vaz

obras de **Erik Satie**, **Enrique Granados**, **Manuel de Falla**

e **António Victorino D'Almeida**

01 QUARTA 18:00 SALA SUGGIA

Coro Casa da Música

Nacho Rodríguez direção musical

Romi Soares atriz

obras de **Heinrich Schütz** e **Hugo Distler**

02 QUINTA 21:30 SALA 2

Kavita Shah: Cape Verdean Blues

promotor: Incubadora d'Artes

03 SEXTA 21:30 SALA SUGGIA

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direção musical

Sinfonia n.º 1 de **Gustav Mahler**

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

